



Gonzalo Hermo

tradução de Rui Córias



gueto editorial

Gonzalo Hermo

Tradução de Rui Córias



selo gueto editorial

poesia anárquica, micronarrativas, fragmentos e afins
colcha de retalhos manuscritos descarregada na rede

© **Gonzalo Hermo, 2020**

Tradução de Rui Córias

Traduções | Livro 8

Selo Gueto Editorial ® 2020

Organização, edição e projeto gráfico

Rodrigo Novaes de Almeida [Jerome Knoxville]

Contatos

<https://revistagueto.com>

<https://twitter.com/revistagueto>

<https://www.facebook.com/revistagueto>

| editorgueto@gmail.com |

Licença

Creative Commons

Este material não pode ser usado para fins comerciais.

poesia

0

Nascido em 1987 em Rianxo, Galiza, **Gonzalo Hermo** é uma das grandes vozes na nova poesia galega. Doutorado em Linguística pela Universidade de Santiago de Compostela, vive actualmente em Barcelona, onde é Professor na Universidade Autónoma, na Escola de Letras e no Centro Galego de Barcelona. Publicou três livros de poesia: *Crac* (Barbantesa, 2011); *Celebración* (Apiario, 2014) — traducido para catalão (Godall, 2016) e castelhano (La Bella Varsovia, 2017) — e *A vida salvaxe* (Pen Club Galicia, 2018) que ganhou o Prémio Afundación e acaba de ser traduzido para catalão (Godall, 2019). A sua obra recebeu o Prémio Xuventude Crea da Xunta de Galicia, o Premio da Associação Espanhola de Críticos Literários e — pela primeira vez para um livro escrito em galego — o Prémio Nacional de Literatura, para nova poesia, «Miguel Hernández». Con *Diario dun enterro* (Galaxia, 2019), o seu primeiro romance, ganhou recentemente o Prémio de narrativa Repsol.

ESTOU AQUI. *En fronte atópase o resto do mundo.*

O vento do norte sutura o teu verbo a esta casa.

Instala o noso medo na raíz.

Ponlle nome a aquilo que cremos amar por moito tempo.

Pensa no instante en que soubemos que este muro caerá.

Abre a porta, deixa pasar os cans: que coman da mesa.

Para que cheire a terra a entroido ou barricada dunha vez.

Para que cheire a algo que se desfai e se compón constantemente.

Non deteñas a ollada na beleza do incendio.

Abre unha fisura.

Rompe o círculo.

Escapa.

AQUI ESTOU EU. Se estende o resto do mundo à minha frente.

O vento norte enlaça tuas palavras nesta casa.

Dispõe nosso medo em torno da raíz.

Dá nomes ao que acreditámos ter amado tanto tempo.

Pois pensa no momento em que soubemos que este muro se desmorona.

Pois abre a porta, deixa os cães entrarem: que venham comer da nossa mesa.

Para que então cheire ao odor das festas ou das guerras uma vez.

Para que então cheire ao que incessantemente se desfaz, incessantemente se reconstitui.

Não pares contemplando a beleza da conflagração.

Racha uma fissura.

Quebra o círculo.

Foge.

TODO

Georges de La Tour

*Soñei por un momento que cabía neste verso
a distancia que separa o meu corpo da candeia.
O dedo na cera e a calor
abrindo camiño entre a pel e a chama.
Soñei por un momento que cabía neste verso
o corazón, o sangue lanzado a labaradas pola vea
como flúen os regos nas enchentes de abril,
zume que escorrega polo toro do carballo.
Eran no meu soño as cousas e o seu ritmo ao mesmo tempo
mais sobre todo a distancia
entre eu e o mundo,
a lingua a piques de incendiarse no padal,
o fragmento de aire que me afasta da rosa.
Quen bota en falta o tacto da flor
cando pode apalpar a textura dun soño?
No meu soño cabían a flor e a floración,
o movemento da hedra cando gabea polo freixo
libremente, nun bosque de ribeira, por exemplo.
E non había estrema para o astro e a luz
porque brillaban as sombras como brilla a materia,
orbe e ceo e nube nunha onda perfecta.
Como darei espertado nun lugar
onde a pel é fronteira entre o meu corpo e o vento?
No meu soño era traspasado.
Entraba o aire en min como aceiro de navalla na carne do cervo.*

*Ou a cera ardendo no papo da man.
Un corazón, unha membrana.
A boca inflamada que se achega á lucerna.
A hedra rubindo polo freixo sen cesar.
Nunca poderei dicilo todo.*

TUDO

Georges de la Tour

Sonhei por um instante que cabia neste poema
a distância separando o meu corpo da candeia.
O dedo sobre a cera e o seu calor
abrindo um trilho entre a pele e a chama.
Sonhei por um instante que cabia neste poema
o coração, o sangue lançando labaredas pela veia
como fluem os ribeiros nas enchentes de Abril,
seiva escorregando pelos troncos de carvalho.

No meu sonho as coisas e sua cadência são uma só,
mas sobretudo a distância
entre mim e o mundo,

a língua à beira de incendiar-se no palato,
o fragmento do ar que me afasta da rosa.
Quem se importa com a carícia da flor
quando se pode tactear a textura de um sonho?
No meu sonho cabiam a flor e a floração,
o movimento da hera quando ela borda pelo freixo
livremente, tal como na floresta ribeirinha.
E estrelas e luz existiam sem limites
porque as sombras cintilam como a matéria cintila,
firmamento e céus e nuvens numa onda exacta.
Como me verei despertar num lugar
onde a pele é a fronteira entre o meu corpo e o vento?
No meu sonho fui trespassado.

O ar penetrou em mim como o aço da navalha na carne do veado.
Ou a cera ardendo na palma da mão.
Um coração, uma membrana —
a boca flamejante chegando à lucerna;
a hera incessantemente escalando sobre o freixo —
Nunca poderei explicar tudo.

A VIDA SALVAXE

*Por algunha razón, souben que as palabras
acabarían borrando a experiencia
cando o poema chegase.*

*Pero eu
atopei o camiño de regreso
ata este encontro:*

*despídome do pecado.
Os meus pés pisan a terra,
acollen o seu tacto como se tocasen o mundo
e aquilo que é salvaxe dispón a súa orde
ao tempo que a memoria esvaece na textura.*

O descoñecido di:

*— Hai un peche entre a vida
e a vida dos demais
que estoura nun encontro.
Non se pode escribir ese suceso con palabras prestadas.
Cando a experiencia se impón, claudica o seu sentido.*

*Daquela tiver que escoller
entre a palabra e a vida.*

Escollín a vida.

*Pedinlle ao mundo que me abraise
o seu rostro salvaxe.*

VIDA SELVAGEM

Por alguma razão, soube que as palavras
acabariam obliterando a experiência
quando viesse o poema.

Mas eu
descobri o caminho de regresso
até este encontro:

despeço-me do pecado.
Meus pés calcam a terra,
acolhem o seu tacto como se tocassem o mundo
e aquilo que é selvagem dispõe a sua ordem
nesse instante em que a memória esvaece na textura.

Um estranho diz:

— Há um impasse entre a vida
e a vida dos outros
que estilhaça num encontro.
Não se pode escrever desse atingimento com palavras emprestadas;
quando se impõe a experiência, claudica o seu sentido.

Tive que escolher então
entre a palavra e a vida:

E escolhi a vida —

Pedindo ao mundo que escancarasse para mim
seu rosto selvagem.

FALÁRONNOS DO SUR como dun lugar prohibido.

Dixéronnos:

«Todo canto foi memoria ou corpo hoxe é dogma.

*E organízase contra
nós».*

Pregúntome que sensación me invadirá cando dea regresado por fin sen restos.

Se haberá cinza que recorde

*carne capaz de comprender
a altura deste
encontro.*

FALARAM-NOS DO SUL como de um lugar proibido.

Disseram-nos:

“Todo o canto que foi memória ou foi corpo é hoje um dogma.

E conspira contra
nós”

Eu me interrogo que sensação me invadirá quando eu por fim voltar sem nada;

Me interrogo se haverá cinzas que recordem

a carne capaz de entender
o auge deste
encontro.

Rui Córias nasceu em Lisboa. Licenciou-se em Direito na Universidade de Coimbra, é pós-graduado em Ciências Jurídicas, jurista. É escritor, poeta, e tradutor. Escreveu *A Função do Geógrafo* (2000) e *A Ordem do Mundo* (2005), ambos editados pela Quasi, tendo também publicado na Bélgica *La Nature de la Vie* (2014, Orfeu) e em França *L`ordre du monde* (2015, L`Harmattan), o qual teve uma reedição, melhorada e actualizada, já no presente ano de 2020. É também autor de *Europa* (*Tinta da China*). Em 2017 foi publicado no México *Las Márgenes Sombrias*, uma edição bilingue português/ espanhol, patrocinada pelo Instituto Camões, a qual foi apresentada em 2018 na Feira Internacional do Livro de Guadalajara (México). Em 2019 foi publicado na Holanda, pela Uitgeverij Vleugels, *Laat de Stilte*, uma edição bilingue português/holandês. Tem também escrito alguns ensaios, publicados nomeadamente na revista *Relâmpago*. Integra ainda várias antologias e publicações em Portugal, Eslováquia, Itália, Roménia, Macedónia e Brasil, e tem também apresentado o seu trabalho na Suíça, França, Estados Unidos, Índia e Turquia, e representado Portugal em encontros literários. Está também traduzido para inglês, croata, eslovaco e albanês, e faz ainda parte dos autores que integram as plataformas web: *Poetry International Web*, de Roterdão, *Poems from the Portuguese* (Portugal) e *a Lyricline* (Alemanha). Tem um blog sobre viagens e literatura, e vive em Lisboa.



selo gueto editorial

este projeto digital é destinado a correr livre na rede
levando versos, antiversos, protoversos, metaversos e multiversos para o reviramento do mundo